

NO TEMPO DA ONÇA E DO REI

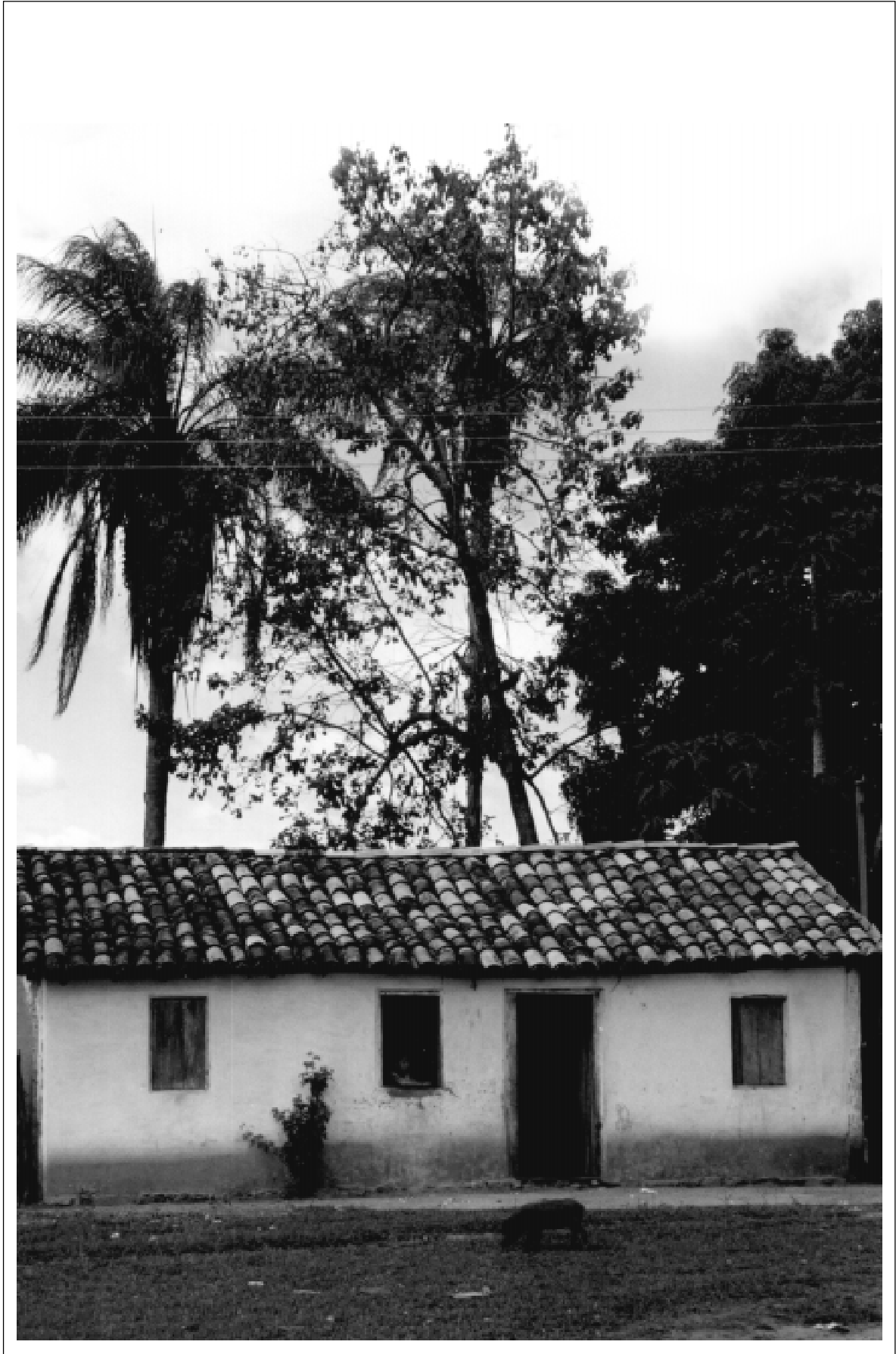
Primeiro Capítulo de “Escândalo no Arraial das Formigas”

A história antiga do Arraial das Formigas nem um livro todo dá conta de narrar completamente. É um lugar bem especial. Em 1817, gente famosa passou por ali dizendo ser o povoado de rara beleza, com umas duzentas casas e aproximadamente oitocentas almas. As características de seu povo são o resultado de lenta evolução em pleno coração do sertão. Seria impossível tentar compreendê-lo hoje, plenamente, sem passar as vistas em fatos de sua história conhecida.

Quando a cana-de-açúcar entrou em declínio no nordeste brasileiro, começou-se a encontrar em Minas Gerais muito ouro, diamantes e outras gemas. Estabeleceu-se uma transferência econômica inter-regional, tornando possível o grande desenvolvimento de Diamantina, Ouro Preto, Sabará, Caetés e de nossa modesta Grão Mogol. Os garimpos receberam levas de escravos negros e gado, que possibilitaram estas atividades. Novos povoados apareceram pelas estradas, em função

do comércio e do transporte.

Formigas fica entre o Rio São Francisco e o Vale do Jequitinhonha, no caminho do Nordeste, tendo reservado para si um papel regional relevante desde a metade do século XVIII, quando a mineração estava no esplendor. Exportava gado e cavalos até para a Bahia. É região de excelentes pastagens. A terra contém o sal essencial para o gado, não sendo necessário importá-lo do litoral. O couro cru de gado era usado para fazer bruacas, ou então exportado para Minas Novas, que também as fabricava para enviar seu algodão aos baianos. Para se chegar à Bahia a partir de Diamantina, passava-se por Minas Novas ou pelo Arraial. Caetité, na Bahia, era um dos maiores entrepostos deste comércio, próximo à fronteira de Minas. No entanto, o Arraial só foi ter seu grande desenvolvimento a partir de 1810, com a produção de salitre (nitrato de potássio). O salitre era preparado de uma terra rica em nitratos, retirada do solo das suas cavernas. A terra era lavada e esta água, concentrada pela evaporação, misturava com a



decoada ou lixívia potássica obtida lavando-se as cinzas de vegetais. Esta química precipitava os cristais de nitrato de potássio, depois de aquecimento e repouso. Estes cristais são fundamentais na fabricação da pólvora. Eram colocadas em bruacas e levadas ao Rio de Janeiro e Vila Rica, para as duas fábricas do governo. Mas apesar do monopólio da fabricação da pólvora, a Coroa não conseguia baixar-lhe o preço. Em muitas cidades se fabricava o mesmo produto de ótima qualidade, clandestinamente, por quase metade do preço oficial. Inclusive no Arraial.

Além dos engenhos, que forneciam a rapadura, o açúcar e a cachaça, produzia-se aí muito feijão, milho, mandioca. Não raro as refeições dos tropeiros eram preparadas com paçoca de farinha de mandioca e rapadura raspada, mexida com água quente, que fazia um saboroso e energético mingau.

Mas apesar desta operosidade dos nossos sertanejos, Saint Hilaré e, em seguida, Spix e Martius, no início do século XIX, também registraram observações nada lisonjeiras sobre seus hábitos e costumes. Spix e Martius dizem coisas assim:

Os habitantes deste pequeno povoado constituído de algumas filas de cabanas baixas, todas de barro, são, como filhos do sertão, mal-afamados como brigões e por seu banditismo, e não parecem possuir a bela virtude da hospitalidade dos seus vizinhos; demo-nos por felizes, ao achar abrigo sob a coberta do mercado, até que o amável vigário nos convidasse para sua casa.

Saint Hilaré escreveu:

Os habitantes de Formigas têm a pior das reputações no tocante à probidade. Antes que eu chegasse tinham-me aconselhado por toda a parte que não deixasse meus animais de carga na proximidade das casas, para que não corressem o risco de serem roubados. Quase ao entrar na povoação, o meu arriero Silva disse, bem alto, que eu viajava com um passaporte do Rei, e que, se meus animais fossem roubados, não haveria perdão para os ladrões. Ninguém tocou nos burros, vá-

rios pequenos objetos porém nos foram subtraídos, o que até então não acontecera em lugar nenhum.

Saint Hilaré situa Formigas como principal localidade do sertão oriental e fez a seguinte anotação em 1817:

Segundo me disseram, os primitivos habitantes do sertão oriental foram paulistas que fugiram depois da derrota do Rio das Mortes. Encontraram a região habitada por tribos indígenas; exterminaram -nas, e alguns se misturaram com seus fracos restos. Exploradores de ouro, desiludidos das esperanças concebidas, ficaram, seu dúvida, também no sertão, para não terem a fadiga de voltar sobre seus passos. Enfim, estou persuadido de que essa região deserta freqüentemente serviu de asilo a criminosos perseguidos pela Justiça. Houve um tempo em que os assassinatos eram, dizem, freqüentíssimos, no sertão; o calor do clima, porém, e principalmente o abatimento que acarreta, abrandaram os costumes, e, de uns vinte anos para cá, os homicídios tornaram-se mais raros. Aliás, não é ciúmes. E mais adiante: Não é para admirar que homens vivendo na pobreza e no isolamento sejam ignorantes e superticiosos. Só uma instrução sólida, religiosa e moral poderia arrancá-los a essa espécie de embrutecimento, elevar seu espírito e restituí-los à dignidade de homens. Mas no estado atual das coisas, uma tal instrução só lhes poderia ser ministrada pelo clero. Ora, vimos alhures quão pouco em geral, o sacerdócio de Minas se ocupava com a instrução dos fiéis; e é tão fácil compreender que há ainda a esperar menor zelo de alguns eclesiásticos disseminados por território deserto, no qual, se afastados de qualquer vigilância, não precisam de guardar o menor decoro; onde, enfim, é difícil que os exemplos dos leigos não reajam sobre a conduta dos pastores – concluiu Saint Hilaré.

Entre a passagem destes viajantes e os dias presentes, muita riqueza se acumulou no Norte de Minas, porém muito mais se levou.

O extermínio das nações indígenas ou a sua escravização pelos recém-chegados habitantes, foram condições básicas em sua história. Poderíamos contar episódios pertinentes a cada indígena, fugindo dos cães e bacamartes, de cada criança aprisionada e escravizada

nestas condições, arrancada dos pais, muitas vezes assassinados à sua frente. Cada negro tinha também sua história. Perseguiu-o a memória da mãe que um dia o amamentara e da qual fora inapetável e definitivamente separado, na África ainda, no ato de sua prisão ou compra; ou no batismo cristão, com ferro em brasa, ao embarcar para o Brasil; ou ainda na sua venda aqui, que rompia os derradeiros vínculos entre amigos e parentes colocados em leilão e dispersos pelo território nacional.

Mais recentemente seguimos a história do crescimento suspeito das grandes fazendas de gado e de eucaliptos, à custa da maior ruína dos posseiros e pequenos proprietários das chapadas e boqueirões, “restos” de índios, negros e brancos pobres. Esta é a realidade deste sertão. Sertão tão apegado à cruz, espetada à beira das estradas e caminhos, porque a vida do sertanejo é um sacrifício permanente. Ele é crucificado vivo, se é de condição social inferior. Mais terrível que o clima, é o regime.

Na dureza do sertão, padece a saúde do corpo



e da mente. As primeiras vítimas são as crianças. O povo estiolado vive pelas metades, dizimado pelo infanticídio, a doença mental e as parasitoses. Se sobrevive, é o *forte* da literatura, ou é o migrante, mão-de-obra do sul.

Euclides da Cunha admitiu que o sertanejo não é compreendido pelo país, e deixou-nos sua análise contraditória nas clássicas páginas sobre a terra, o homem e a luta, em “Os Sertões”. Descreve a guerra de extermínio movida contra o povo de Canudos, pelo presidente Prudente de Moraes, pelos florianistas e sobretudo pelo Exército Brasileiro, com a cumplicidade da Igreja Católica Romana, no alvorecer da República, onde a degola dos vencidos foi rotina e continuação do que se fez na “Guerra do Paraguai”. O próprio Euclides da Cunha foi muito preconceituoso a julgar os sertanejos.

Não seria Saint-Hilare, pois, o conhecedor perfeito do sertão, mas apenas um estudioso do Brasil. O francês não captava bem a “cabeça” destes mamelucos! Em alguns outros depoimentos, ele exalta a bondade e laboriosidade do sertanejo, sua inteligência e persistência. Dava a impressão de que não conseguia compreender o sertanejo e suas contradições, nem compreender os seus padres, ao censurar-lhes a falta de decoro. Evidentemente, quanto à prática da simonia, está certo condená-lo, embora não seja assim tão excepcional. A indústria da fé nunca foi lá muito santa! Mas exigir deles o celibato, é distanciar-se da solução natural. Como pode um ser humano e em liberdade viver sem sexo? *Mais importa obedecer a Deus que aos homens*, diz o Evangelho. Por isto, padres e freiras castos, certamente pecam, por omissão, ao não encontrarem um modo de acatar as divinas leis naturais! Afinal, é o povo quem diz: *Quem ama fé, casado é*. O indecoro e a hipocrisia são consequências de metas equivocadas; ainda mais no sertão afrodisíaco, pros lados da Bahia e do Jequitinhonha. Vixe Maria! Não há cristão que agüente!